

# COLÓQUIO IBÉRICO DE GEOGRAFIA

## Mesa Redonda A GEOGRAFIA E O PLANEAMENTO DO TERRITÓRIO

### **Margarida PEREIRA**

e-GEO Centro de Estudos de Geografia e Planeamento Regional  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa  
Avenida de Berna, 26-C, 1069-061 LISBOA (PORTUGAL)  
Tel.: +351.217933519 Fax: +351.217977759 e-mail: ma.pereira @fesh.unl.pt

As mutações económicas, geopolíticas, tecnológicas e sociais que afectam os sistemas territoriais nesta passagem de século apontam para uma mudança civilizacional, com implicações acentuadas no ordenamento do território. A globalização alterou as dimensões temporal e espacial: o tempo acelera-se, tornando precocemente obsoletas as decisões e incorporando a qualquer momento dados não previstos, o que induz instabilidade e incerteza à mudança; o espaço amplia-se, perde limites, multiplicando os processos de desterritorialização e a subalternização das especificidades locais. A escassez de recursos (naturais, financeiros, energéticos), a concorrência aguerrida entre territórios (na disputa de investimento e protagonismo) e a democratização das sociedades (multiplicação dos centros decisórios, diversificação dos actores) ampliam a complexidade das disfunções territoriais e exigem o aperfeiçoamento dos diagnósticos e dos mecanismos de intervenção, por forma a conferir-lhes operacionalidade efectiva. O planeamento tradicional (apoiado num poder mais concentrado, em recursos mais abundantes e em contextos mais estáveis) mostra incapacidade de respostas adequadas. Assim, novos conceitos e instrumentos emergem, nomeadamente:

- a abordagem estratégica territorial surge como um novo paradigma cultural.
- o processo de planeamento sobrepõe-se ao plano;
- os instrumentos de execução ganham maior atenção;
- a monitorização e a avaliação passam a ser indispensáveis.

A Geografia tem hoje um lugar cativo no planeamento territorial. Inicialmente remetida para as fases de análise e diagnóstico na elaboração de planos, foi conquistando lugar na coordenação de equipas pluridisciplinares e na concepção de soluções, quer ao nível do planeamento integrado (por exemplo Planos Directores Municipais) quer de intervenções mais específicas (por exemplo a produção de cartas de equipamentos, como a Carta Educativa). A presença de geógrafos é comum no planeamento do uso do solo, no planeamento estratégico, no planeamento sectorial (infra-estruturas viárias, aos recursos hídricos, ao turismo, habitação...) e em todas as escalas de actuação (desde os Projectos Especiais de Urbanismo Comercial, à escala da rua ou do quarteirão, ao Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território, à escala nacional).

No contexto de mudanças descrito, a Geografia sai reforçada. De facto, tendo como objecto o território, tem vindo a aperfeiçoar os seus instrumentos de análise, no

sentido de captar com rigor e rapidez as novas realidades territoriais e os mecanismos indutores de mudanças possíveis. A incorporação de tecnologia no tratamento da informação, a partir dos sistemas de informação geográfica, por exemplo, permite-lhe hoje tratar melhor e mais informação, potenciando novos métodos de análise ao nível da cenarização, monitorização e avaliação. Este alargamento de competências consolida e alarga o seu lugar nos processos de planeamento.

Mas à Geografia colocam-se desafios de outra dimensão, que tem subalternizado - deve dar um contributo decisivo na formação de uma cidadania responsável, alicerçada numa cultura do território. Sendo o território um recurso escasso, mas estratégico para a comunidade que o apropria, a promoção do seu desenvolvimento e a melhoria da qualidade de vida das populações exigem a sua gestão rigorosa, onde o interesse colectivo se sobreponha aos diversos interesses individuais. A participação efectiva (e não formal) da população nas dinâmicas territoriais é um indicador de desenvolvimento, mas obriga a uma formação capaz de conferir capacidade para participar responsabilmente na identificação de problemas, na definição de objectivos, na escolha de alternativas, no estabelecimento de prioridades. Esta atitude pró-activa dos cidadãos é, porventura, indispensável para inverter tendências de desordenamento que persistem em Portugal. De facto, nos últimos 10 anos assistiu-se à multiplicação de planos, de diferentes naturezas e a diversas escalas (por exemplo o território do Continente coberto por Planos Directores Municipais, o litoral português por Planos de Ordenamento da Orla Costeira). Isto significa que grande parte das transformações do passado recente acontecem apoiadas em instrumentos de planeamento eficazes, esperando-se, por isso, mudanças qualificadoras visíveis. Se é indiscutível que ocorreu uma infra-estruturação notável do território (rede viária, saneamento básico, equipamentos sociais, espaços verdes), a palavra desordenamento (com leitura às escalas urbana, municipal, regional), é o que melhor sintetiza a generalidade das transformações. O falhanço centra-se na incapacidade de operacionalização, concorrendo para tal razões diversas, tais como falta de coordenação entre entidades públicas, burocratização dos procedimentos, desajustamento dos instrumentos de execução, sobreposição de interesses particulares ao interesse colectivo. Uma sociedade civil formada e informada sobre os seus direitos e deveres é fundamental para fiscalizar as actuações, reduzir parte dos constrangimentos e forçar as autoridades a ter uma atitude mais exigente.

O caminho percorrido pela Geografia no Planeamento Territorial nos últimos 30 anos é indiscutivelmente positivo. Porém, num contexto de concorrência crescente, dois aspectos devem ser ponderados: o aparecimento de outras formações que, de algum modo, têm campos de actuação próximos ou mesmo sobrepostos (a engenharia do território é um bom exemplo), deve ser um estímulo permanente à valorização da formação geográfica; as diferentes escolas de Geografia nem sempre têm potenciado uma cooperação construtiva, mas é na junção de esforços, respeitando as especificidades de cada uma, que se deve fortalecer o espaço da Geografia, pois como diz a canção de Rui Veloso "muito mais é o que nos une do que aquilo que nos separa".